



OBSERVATÓRIO DA CIDADE RESILIENTE



CAMPANHA
CONSTRUINDO CIDADES RESILIENTES



MINHA CIDADE ESTÁ SE PREPARANDO!

Temas Abordados: Campanha Mundial “Construindo Cidades Resilientes”, Plataforma Global para a Redução do Risco de Desastres – Sendai e a sua integração com Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, Acordo de Paris, Habitat III e a Cúpula Humanitária para a resiliência a desastres.

PUBLICAÇÃO: 07/08/2020



Cidades para uma recuperação resiliente: lições internacionais sobre recuperação de COVID-19/23 de julho de 2020

A cada semana, a Universidade de Manchester reúne práticas internacionais relevantes e exemplos de recuperação do COVID-19. O briefing semanal é organizado pela Rede Global de Cidades Resilientes para trazer lições e exemplos importantes direcionados a funcionários de resiliência, planejadores de emergência e outros profissionais da cidade. A estrutura do briefing segue a Estrutura de Resiliência da Cidade - especificamente os quatro impulsionadores que as cidades foram identificadas como mais importantes quando uma cidade enfrenta tensões crônicas ou choques repentinos - Saúde e Bem-estar, Economia e Sociedade; Infraestrutura e meio ambiente; e Liderança e Estratégia.

Destaques da semana: No briefing desta semana, exploramos como os resultados de saúde e bem-estar podem ser melhorados considerando uma abordagem de gênero inclusiva e baseada no local para a gestão de pontos críticos. E concentre-se em como choques como ondas de calor podem prejudicar as condições de saúde humana existentes e em planos de aumento de capacidade para hospitais que já estão lidando com a pandemia COVID-19.

FONTE: https://www.preventionweb.net/files/submissions/72868_thegrcnmanchesterbriefingno.11july232020.pdf



**International
Science Council**
The global voice for science



UNDRR

UN Office for Disaster Risk Reduction

Revisão de definição e classificação de perigos

O Quadro Sendai para Redução do Risco de Desastres 2015–2030 ('o Quadro Sendai') foi um dos três acordos marcantes adotados pelas Nações Unidas em 2015. Os outros dois são os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030 e o Acordo de Paris sobre Mudanças Climáticas. O Relatório Técnico da Revisão da Definição e Classificação de Perigos de Sendai UNDRR / ISC apóia todos os três, fornecendo um conjunto comum de definições de perigos para monitorar e revisar a implementação que exige “uma revolução de dados, mecanismos de responsabilidade rigorosos e parcerias globais renovadas”.

FONTE: https://www.preventionweb.net/publications/view/72950?&a=email&utm_source=pw_email



Integrando Redução de Risco de Desastres e Adaptação às Mudanças Climáticas na Estrutura de Cooperação para o Desenvolvimento Sustentável da ONU

Esta Nota de Orientação ajuda as Equipes de País das Nações Unidas (UNCTs) na formulação e implementação de Estruturas de Cooperação que apoiam países, comunidades e pessoas no uso de abordagens de gestão de risco de desastres e clima para construir resiliência a desastres. Ele descreve os impactos dos riscos climáticos e de desastres no progresso em direção ao cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e sugere ações apropriadas para cada fase do ciclo de vida do Quadro de Cooperação para o Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas para torná-los informados sobre os riscos. A Nota faz parte de uma biblioteca maior de documentos de apoio ao Guia da Estrutura de Cooperação e é melhor lida junto com o Pacote Companheiro da Estrutura de Cooperação.

FONTE: https://www.preventionweb.net/publications/view/72951?&a=email&utm_source=pw_email



ONU e Caribe em campanha por saúde mental em meio a Covid-19 e estação de furacões

“Juntos Somos Mais Fortes” ou “Stronger Together” é o tema de uma campanha dos países caribenhos com as Nações Unidas para promover bem-estar e saúde mental na região.

A iniciativa foi lançada em Barbados, nesta segunda-feira, para assistir comunidades e apoiar estratégias positivas contra estresse e crises.

A iniciativa foi lançada em Barbados.

Reações

A campanha pretende ajudar os países a responderem melhor aos desafios impostos pela pandemia da Covid-19 e a nova estação de furacões na região, que começou em junho.

O objetivo é chamar a atenção para a importância da saúde mental e de obter informações de apoio psicossocial.

A coordenadora sub-regional da Opas no Caribe, Jessie Schutt-Aine, afirmou que a pandemia transformou a vida das pessoas de forma ímpar causando reações de medo, depressão, preocupações e ansiedade. Segundo ela, todos esses sintomas podem se agravar com a chegada dos furacões e o risco de desastres naturais.

Para ela, a parceria do BCD com a agência da ONU pode ajudar a criar resiliência mantendo as pessoas calmas, conectadas, seguras e com esperança.

Trabalhadores de saúde

A campanha Juntos Somos Mais Fortes também quer combater os estigmas associados à busca por serviços de saúde mental. O foco são as pessoas vulneráveis como crianças e adolescentes, mulheres e idosos, assim como os que vivem com alguma deficiência. Outros alvos da iniciativa são os trabalhadores de saúde e pacientes que já têm algum problema de saúde.

A parceria quer iniciar um diálogo sobre temas como gênero, os diferentes papéis de homens e mulheres na família e na comunidade, o aumento da violência de gênero durante a pandemia e a importância de que todos os produtos de informação e comunicação sejam acessíveis a quem vive com deficiência.

Em maio, milhares de pessoas em El Salvador perderam seus meios de subsistência como resultado da tempestade tropical Amanda.PMA/David Fernandez

Em maio, milhares de pessoas em El Salvador perderam seus meios de subsistência como resultado da tempestade tropical Amanda.

Rádio e redes sociais

A campanha é parte de um projeto da Opas com o Banco Caribenho sobre saúde mental e apoio psicossocial em gerenciamento de desastres e ocorre após um treinamento sobre o tema para jornalistas e comunicadores de saúde.

O Juntos Somos Mais Fortes segue até 20 de novembro e inclui um livreto sobre primeiros socorros psicológicos.

O material tem uma versão de áudio e um livreto ilustrado. Outros recursos são pacotes de redes sociais, anúncios de rádio, matérias de interesse humano e até um jingle de rádio para ser veiculado em toda a região do Caribe.

FONTE: https://news.un.org/pt/story/2020/07/1721581?utm_source=ONU+News+-+Newsletter&utm_campaign=e7ee738f45-EMAIL_CAMPAIGN_2020_07_30_12_00&utm_medium=email&utm_term=0_98793f891c-e7ee738f45-105027597



Livro sobre migrações internacionais e COVID-19 é lançado com apoio do UNFPA

O Observatório das Migrações de São Paulo e o Núcleo de Estudos Populacionais Elza Berquó da Universidade Estadual de Campinas (NEPO/Unicamp) lançaram na sexta-feira (31), com apoio institucional do Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), o livro “Migrações Internacionais e a pandemia de COVID-19”.

A obra reflete sobre os desafios e as ações das instituições diante da pandemia, os novos cenários da (i)mobilidade da população, o controle das fronteiras, o aumento da xenofobia contra refugiados e migrantes, os contextos internacionais, nacionais e locais e as consequências de um mundo pandêmico para os movimentos migratórios.

O livro também aborda a necessidade de garantir a proteção social e de direitos humanos para refugiados e migrantes neste momento de crise sanitária.

Além do UNFPA, a produção da obra contou com a parceria de autoras e autores, bem como de instituições e organizações como Universidade Estadual de Campinas, Universidade de Cardiff, Ministério Público do Trabalho, Missão Paz e o Museu da Imigração do Estado de São Paulo.

Para mais informações, acesse: <http://museudaimigracao.org.br/blog>

Clique aqui para acessar o livro gratuitamente.

FONTE: <https://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/livros/miginternacional/miginternacional.pdf>



Desde 2018, mais de 38 mil venezuelanos deixaram Roraima rumo a outros estados brasileiros

Desde 2018, mais de 38 mil venezuelanos foram interiorizados de Roraima para mais de 570 municípios de 26 estados brasileiros e o Distrito Federal. Esses são resultados da Estratégia de Interiorização da Operação Acolhida, que conta com o apoio da Agência da ONU para Refugiados (ACNUR) e outras agências das Nações Unidas e da sociedade civil.

O tema foi debatido na quinta-feira (30) no seminário online “Integração Socioeconômica de Refugiados e Migrantes Venezuelanos e a Estratégia de Interiorização”, realizado em parceria com a União Europeia, que doa recursos ao ACNUR que possibilitam fortalecer a resposta emergencial brasileira. O evento contou também com a participação do Ministério da Cidadania, Operação Acolhida e Organização Internacional para as Migrações (OIM).

Em janeiro e fevereiro de 2020, pouco mais de 3 mil venezuelanos foram interiorizados por mês. No entanto, a partir março, como consequência da pandemia da COVID-19 e a implantação de rigorosos controles para garantir a segurança dos procedimentos de interiorização pela Operação Acolhida, os números foram reduzidos para uma média de 1 mil realocações mensais. Em junho, foram 1.025 pessoas interiorizadas.

Durante o seminário, o ACNUR apresentou o estudo sobre a integração de refugiados e migrantes da Venezuela no Brasil. A partir de fontes públicas de dados, a nota apresenta um panorama do acesso dessa população ao mercado de trabalho formal, ensino regular e benefícios da assistência social, como o Bolsa-Família.

“Os dados contribuirão para que os impactos das estratégias de interiorização e integração na inserção socioeconômica dos venezuelanos sejam mais bem compreendidos. Queremos valorizar ainda mais essa estratégia como uma das melhores soluções para a acolhida e integração da população venezuelana no Brasil”, pontuou o representante do ACNUR no Brasil, Jose Egas.

O Brasil é o quinto maior anfitrião de venezuelanos deslocados. Até dezembro de 2019, mais de 260 mil refugiados, solicitantes de asilo e migrantes temporários estavam no país. Cerca de 70% estavam em idade laboral, sendo que, deste total, 10% estavam empregados formalmente em dezembro de 2019.

Dos venezuelanos interiorizados, cerca de 40% deles estão em idade laboral e trabalham principalmente em serviços como restaurantes, cafeterias e lanchonetes, além do comércio varejista e de alguns setores industriais e agroindustriais.

“A Operação Acolhida implementa medidas para facilitar a inserção de venezuelanos no mercado de trabalho local para onde são interiorizados. Realizamos um mapeamento de vagas em todo o Brasil para garantir que refugiados e migrantes se integrem sócio e economicamente por meio do mercado de trabalho”, afirmou o chefe do Centro de Coordenação de Interiorização da Força Tarefa Logística Humanitária Operação Acolhida, coronel Nogueira Santos.

Dados sobre frequência escolar mostram que um número elevado de venezuelanos não frequenta as escolas: 58% das crianças de 6 a 14 anos e 69% entre adolescentes de 15 a 17 anos. Como comparação, 12% dos adolescentes brasileiros de 15 a 17 anos não frequentam a escola e o atendimento é praticamente universal entre crianças de 6 a 14 anos.

Em relação aos benefícios sociais, os venezuelanos têm o mesmo direito que os brasileiros e estão conseguindo acessar cada vez mais as principais redes de assistência social do país. As taxas de participação das famílias venezuelanas no Bolsa Família e Benefício de Prestação Continuada estão em uma tendência ascendente.

Ainda assim, a participação dos venezuelanos nos programas de assistência social é inferior à média da população brasileira. Os possíveis motivos para isso podem ser falta de informação sobre os serviços disponíveis, falta de documentação ou documentação expirada e as barreiras de idioma.

“Nossa estratégia é colaborar para que esse percurso da interiorização, de inclusão social e econômica, aconteça da melhor maneira, assegurando que o gestor municipal, na cidade de destino, seja capaz de executar políticas de inclusão social e acesso a benefícios”, disse a coordenadora do Subcomitê de Interiorização pelo Ministério da Cidadania, Niusarete Lima.

O evento contou também com a apresentação do relatório Migração Venezuelana no Brasil: uma análise sobre o Programa de Interiorização, de 2019. O estudo foi financiado pela União Europeia e produzido pelo ACNUR e REACH, organização que promove pesquisas na área humanitária, e revela uma tendência de aumento na renda e acesso a educação de famílias venezuelanas após a interiorização.

Por fim, foi anunciado o desenvolvimento de um Painel Interativo da Estratégia de Interiorização, que deve ser lançado publicamente pelo ACNUR, Ministério da Cidadania e OIM em meados do segundo semestre deste ano, com dados desagregados sobre o perfil da população interiorizada, incluindo necessidades específicas identificadas, escolaridade e trabalho.

FONTE: https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2020/07/REACH_Relat%C3%B3rio-de-Interioriza%C3%A7%C3%A3o_FINAL_PORTUGUESE.pdf



Efeitos da pandemia serão sentidos por décadas, diz chefe da OMS

Manifestando “apreço pelos esforços de resposta à pandemia de COVID-19 feitos por Organização Mundial da Saúde (OMS) e parceiros”, o comitê de emergência convocado pelo chefe da agência deixou claro que ainda não há um fim à vista para a crise de saúde pública que até agora infectou mais de 17 milhões e matou mais de 650 mil pessoas.

O comitê convocado por Tedros Adhanom Ghebreyesus, diretor-geral da OMS, nos termos do Regulamento Sanitário Internacional (2005) (RSI), realizou sua quarta reunião em 31 de julho.

Em sua declaração após a reunião, publicada no sábado (1), destacou a “prevista duração prolongada” da pandemia, observando “a importância de esforços sustentados de resposta comunitária, nacional, regional e global”.

Após uma discussão e análise completas das evidências, o Comitê “concordou por unanimidade” que o surto ainda constitui uma emergência de saúde pública de interesse internacional (PHEIC). Tedros aceitou o parecer do comitê.

O diretor-geral da OMS declarou a PHEIC – o nível mais alto de alarme da OMS – em 30 de janeiro, quando havia menos de 100 casos no total e nenhuma morte fora da China.

“A pandemia é uma crise de saúde que ocorre uma vez no século, cujos efeitos serão sentidos nas próximas décadas”, disse Tedros ao Comitê em seu discurso de abertura na sexta-feira (31).

“Muitos países que acreditavam ter passado pelo pior agora estão enfrentando novos surtos. Alguns que foram menos afetados nas primeiras semanas agora estão vendo um número crescente de casos e mortes. E alguns que tiveram grandes surtos os controlaram.”

Recomendações

O Comitê fez uma série de recomendações à OMS e aos Estados-membros.

Recomendou que a agência continue a mobilizar organizações e parceiros multilaterais globais e regionais para a preparação e resposta à COVID-19 e a apoiar os Estados-membros na manutenção dos serviços de saúde, além de acelerar a pesquisa e o eventual acesso a diagnósticos, tratamentos e vacinas.

Aconselhou os países a apoiar esses esforços de pesquisa, inclusive por meio de financiamento, e a se unir aos esforços para permitir a alocação equitativa de diagnósticos, tratamentos e vacinas, participando do Acelerador de Acesso às Ferramentas COVID-19 (ACT), uma colaboração global sem precedentes entre países, filantropos e empresas.

O comitê também aconselhou os países a fortalecer políticas públicas de saúde para identificar casos e melhorar o rastreamento rápido de contatos, “inclusive em locais com poucos recursos, vulneráveis ou de alto risco, e a manter serviços de saúde essenciais com financiamento, suprimentos e recursos humanos suficientes.”

Os países também foram aconselhados pelo comitê a implementar medidas e conselhos proporcionais sobre viagens, com base em avaliações de risco, e a revisar essas medidas regularmente.

Parque no Brooklyn, Nova Iorque, marcou círculos para reforçar o distanciamento social durante a pandemia da COVID-19. Foto: Daniel Dickinson/ONU

Jovens 'não são invencíveis' frente à COVID-19, diz chefe da OMS

Embora os idosos apresentem mais riscos diante da COVID-19, o chefe da OMS lembrou as gerações mais jovens que “não são invencíveis” quando se trata da doença.

As evidências sugerem que o aumento nos casos em alguns países se deve em parte ao fato de os jovens “baixarem a guarda durante o verão no Hemisfério Norte”, disse o chefe da OMS na quinta-feira (29).

“Já dissemos isso antes e vamos repetir: os jovens não são invencíveis”, disse ele a jornalistas. “Os jovens podem ser infectados; podem morrer e transmitir o vírus para outras pessoas.”

Ele ressaltou que a juventude do mundo “deve ser líder e impulsionadora da mudança” durante a pandemia de COVID-19.

Tedros também aconselhou que as pessoas em todos os lugares aprendam a conviver com o vírus e a tomar as medidas necessárias para proteger a si e aos outros, incluindo aqueles que estão em maior risco, como idosos e pessoas em cuidados prolongados.

FONTE: <https://news.un.org/en/story/2020/08/1069392>



COVID-19 Response

OMS: consequências da Covid-19 podem levar à morte de 10 mil crianças por mês

A pandemia poderá causar a morte de mais de 10 mil crianças, por mês, em todo o mundo, ainda este ano. A conclusão é de um novo estudo publicado na revista científica The Lancet.

O diretor-geral da Organização Mundial da Saúde, OMS, Tedros Ghebreyesus, disse que o estudo foi realizado pelos maiores especialistas mundiais em nutrição.

Crianças

Em Harare, Zimbabué, mãe solteira depende da ajuda das agências da ONU para se alimentar e ao seu filho durante a pandemia

Em Harare, Zimbabué, mãe solteira depende da ajuda das agências da ONU para se alimentar e ao seu filho durante a pandemia, PMA/Claire Nevill

Tedros contou que “alimentos, serviços sociais e sistemas econômicos foram prejudicados pela pandemia.” Além disso, fechamento de escolas, restrições

comerciais e bloqueios de países estão sendo arrasadores para comunidades que já enfrentavam dificuldades.

O chefe da agência afirmou, no entanto, que essa “é uma tragédia que pode ser evitada.”

A OMS está fazendo um apelo junto com o Fundo da ONU para a Infância, Unicef, a Organização da ONU para Agricultura e Alimentação, FAO, e o Programa Mundial de Alimentos, PMA. As quatro agências estão pedindo US\$ 2,4 bilhões para proteger essas crianças.

Para Tedros, a comunidade global “deve agir agora para evitar as consequências arrasadoras da fome e da desnutrição a longo prazo.”

Iniciativas

O diretor-geral da OMS também fez uma atualização sobre os esforços para acelerar o desenvolvimento e a distribuição de vacinas, diagnósticos e tratamentos, usando a ferramenta Acelerador ACT, que lançada em abril.

Desde o lançamento, a OMS focou em três áreas principais: áreas técnicas para desenvolver produtos de saúde, financiamento inicial e garantia de um acesso equitativo e distribuição eficaz.

Até esta quinta-feira, mais de 16,8 milhões de casos de Covid-19 foram relatados à OMS em todo o mundo. Mais de 662 mil pessoas perderam a vida.

Grandes epidemias

Metade de todos os casos está nos três principais países com o maior número de casos: Estados Unidos, Brasil e Índia. Metade de todas as mortes se concentra nos quatro países mais afetados pela Covid-19: Estados Unidos, Brasil, Índia e Rússia.

Embora esta seja uma pandemia global, nem todas as nações estão enfrentando grandes surtos não controlados

Tedros disse que “embora esta seja uma pandemia global, nem todas as nações estão enfrentando grandes surtos não controlados.”

Ele lembrou que as medidas para salvar vidas permanecem as mesmas. Onde elas são praticadas, os casos diminuem.

O chefe da agência também deixou uma mensagem para os Estados-membros que enfrentam grandes epidemias, dizendo que “nunca é tarde demais.” Segundo ele, “até grandes epidemias podem ser revertidas.”

Neste 30 de julho, a OMS marca seis meses da declaração da Covid-19 como uma “emergência de saúde pública internacional.”

Para Tedros, a crise “está mostrando que a saúde não é uma recompensa pelo desenvolvimento, mas sim a base da estabilidade social, econômica e política.”

FONTE: <https://www.un.org/en/coronavirus>



Construindo a resiliência das comunidades rurais em Myanmar: manual para profissionais de campo

Este manual descreve um processo pelo qual a equipe da Malteser International e seus parceiros podem trabalhar em parceria com as comunidades rurais e governos locais para lidar com o risco de perigos, incluindo as mudanças climáticas e aumentar a resiliência da comunidade. Em primeiro lugar, o manual descreve os perigos, os impactos associados e as fontes de vulnerabilidades que as comunidades rurais enfrentam em Myanmar.

Em seguida, fornece exemplos de ações e medidas para a gestão inclusiva de riscos de desastres e adaptação às mudanças climáticas em nível de comunidade, município e estado. O Manual, então, apresenta o caso para uma abordagem integrada para construção de resiliência que incorpora estratégias de adaptação às mudanças climáticas em uma abordagem de gestão de risco de desastres. As etapas e ferramentas para esta abordagem são então descritas, antes de delinear como os planos de resiliência da comunidade devem ser integrados aos planos de desenvolvimento em nível municipal e estadual.

FONTE: https://www.preventionweb.net/files/72946_buildingresilienceofruralcommunitie.pdf



GFDRR
Global Facility for Disaster Reduction and Recovery



WORLD BANK GROUP

Recuperação de desastres inclusiva para deficientes

Esta nota de orientação fornece orientação orientada para ações para funcionários do governo e tomadores de decisão com responsabilidade pela recuperação e reconstrução pós-desastre. A orientação permitirá o desenvolvimento de planejamento e programação inclusivos para deficientes em todos os setores e governo. Espera-se que a nota seja do interesse de atores governamentais e não governamentais mais amplos, incluindo organizações de pessoas com deficiência (OPDs), preocupadas com a recuperação inclusiva. A nota recomenda o seguinte (p. 21):

Aplicar uma abordagem de duas vias que invista na inclusão da deficiência na programação geral de recuperação e nas intervenções específicas da deficiência;

Concentre a recuperação e reconstrução inclusivas na deficiência em torno da remoção de barreiras para beneficiar o maior número possível de pessoas com deficiência. Ao mesmo tempo, não ignore as necessidades individuais específicas e a importância de acomodações razoáveis;

As pessoas com deficiência estão em melhor posição para avaliar se os processos de recuperação são inclusivos ou não;

Não perca de vista o objetivo geral da recuperação inclusiva para os deficientes. Ou seja, para permitir a igualdade de oportunidades e construir resiliência para todos.

FONTE: <http://documents1.worldbank.org/curated/en/265011593616893420/pdf/Disability-Inclusive-Disaster-Recovery.pdf>



Diretrizes de resiliência do Pacífico WASH

Este guia visa apoiar profissionais de água, saneamento e higiene (WASH) do governo, organizações não governamentais (ONGs) e organizações da sociedade civil (OSCs) para melhorar a prestação de serviços de WASH sustentáveis e resilientes para as comunidades em todo o Pacífico.

Ele reúne abordagens atuais e orientações anteriores sobre WASH e resiliência em um local, cobrindo teoria, orientação e ferramentas práticas. Foi concebido para melhorar a resiliência das comunidades e a sustentabilidade dos serviços de WASH, mesmo após eventos de desastre. As diretrizes são escritas para ajudar uma série de partes interessadas de WASH no fornecimento de soluções sustentáveis que podem se adaptar ao clima e aos riscos de desastres.

FONTE: <https://www.unicef.org/pacificislands/media/736/file/WASH-Resilience-Guidelines.pdf>



Princípios de gestão de risco climático para projetos à prova de clima

Este documento de trabalho identifica oportunidades para atualizar o processo de gestão de risco climático (CRM) do Banco Asiático de Desenvolvimento (ADB) e as avaliações de risco climático e adaptação (CRAs). A intenção é simplificar a estrutura de Gerenciamento de Risco Climático (CRM) com uma abordagem adequada à finalidade e melhorar a qualidade e a consistência dos CRAs. Para tanto, é apresentado um conjunto de princípios orientadores alinhados com as três principais fases do ciclo de projetos do ADB - conceituação, preparação e implementação.

Os princípios destacam o valor de um método mais estratégico para as atividades de upstream, bem como os benefícios de uma abordagem diferenciada, tendo em conta as diferentes necessidades dos projetos de CRA. Princípios específicos são propostos para melhorar as principais etapas do CRA, com foco na compreensão do projeto e na avaliação de risco baseada na decisão, e na priorização de opções de adaptação. Finalmente, o documento enfatiza a necessidade de fortalecer as atividades posteriores, para garantir que as boas práticas fluam para a implementação. O documento fornece lições úteis e percepções sobre gestão de risco climático para o ADB e seus países membros em desenvolvimento, bem como informações relevantes para avaliações de risco climático de investimentos.

FONTE: <https://www.adb.org/publications/climate-risk-management-climate-proofing-projects>

INFORMAÇÕES

PROMOTOR BRASIL

<http://www.unisdr.org/campaign/resilientcities/Home/viewalladvocates#page-3>

CAMPINAS RESILIENTE - OBSERVATÓRIO

<https://resiliente.campinas.sp.gov.br/observatorio>

REDE DE CIDADES RESILIENTES DE LINGUA PORTUGUESA

<http://www.cidadesresilientes.net/>

PREVENTIONWEB

<http://www.preventionweb.net/english/>

SECRETARIA NACIONAL DE PROTEÇÃO E DEFESA CIVIL

<http://www.mi.gov.br/web/guest/cidades-resilientes>